4 Conclusão

O presente trabalho foi uma tentativa de chamar a atenção para o atual cenário da instituição paroquial. Reafirmamos o que há tempo se percebe. Diante de um contexto de aguda urbanização, a instituição paroquial atravessa uma profunda crise em sua identidade. Os anos passam e a crise persiste, e o que mostra ser grave o problema e nada fácil o caminho de recuperação. Cientes das dificuldades da renovação eclesial e da inexistência de receitas prontas, buscamos o caminho do diálogo.

No primeiro capítulo dialogamos com a nova sensibilidade sociocultural, cujas características deixam a todos perplexos. A força do contexto urbano atinge a todos, e de modo muito direto a religião. ‘Retorna o sagrado’ com as mais diversas formas. Mobilidade, individualismo, subjetividade, desterritorialização são algumas das características religiosas de nosso tempo.

Novas tendências religiosas, diferentes concepções e pertencas eclesiais, diversas necessidades e buscas religiosas formam o mosaico religioso hodierno. Se o atual contexto urbano modifica a fé, abala a estrutura eclesial, também ele revela as necessidades e buscas do homem de hoje. Daí a importância de começar a temática da renovação paroquial a partir de seu fundamento sociocultural. Nesta perspectiva, mundo urbano deixa de ser compreendido como inimigo da Igreja para tornar-se parceiro, no sentido de que ou a renovação paroquial se dá a partir da inculturação ou então a reforma será superficial. Sem abrir mão do irrenunciável da fé cristã, a instituição paroquial deve tomar sempre mais consciência do contexto em que vive para melhor ouvir os clamores do homem de hoje. Em outras palavras, é no hoje da história que a paróquia deve formar comunidade, e anunciar o Evangelho, ciente de que não conta mais com o suporte da cristandade.

O diálogo continuou no segundo capítulo. A abordagem das novas comunidades eclesiais foi relevante na dissertação por serem elas uma realidade que brota do chão dinâmico do atual contexto sociocultural. Elas não apenas

refletem a hodierna sensibilidade sociorreligiosa, como são ao mesmo tempo respostas criativas às necessidades atuais. Indubitavelmente as novas comunidades, assim como muitos dos novos movimentos eclesiais são, de certa forma, uma reação a uma Igreja por demais institucionalizada, demasiadamente formais e pouco dinâmicas. Obviamente o desafio é a constante vigilância para que essas novas comunidades não caiam no subjetivismo, fazendo da experiência religiosa mera satisfação pessoal. Daí a importância delas estarem em constante diálogo e comunhão com a Igreja local, aberta a correções e contribuições.

Se a paróquia na atual configuração institucional já não consegue mais ser uma comunidade eclesial, as novas comunidades são espaços nos quais concretiza-se a vida comunitária. Com facilidade elas trazem para o centro a pessoa, chamando-o à co-responsabilidade, devolve-lhe o sentimento de pertença e inclusão, desperta seus dons e carismas. As novas comunidades investem naquilo que mais reflete a crise paroquial hoje: a pessoa e a comunidade. Enquanto que a paróquia é uma estrutura de massa incapaz de acentuar a pessoa na sua particularidade, e formar comunidades, a não ser pontualmente em algumas realidades com menor índice de urbanização, as novas comunidades fazem disto a espinha dorsal de sua organização pastoral. Portanto, a riqueza comunitária das novas comunidades não pode ser subestimada pela paróquia. Perceber suas principais intuições é sensibilidade pastoral. O agente de pastoral é chamado a ouvir os sinais dos tempos e a ler os acontecimentos ao seu redor.

No terceiro e principal capítulo entramos na realidade da paróquia. Fomos enfáticos na afirmação de que a crise pela qual a estrutura paroquial atravessa advem do descompasso reinante entre o ritmo da vida urbana, com todas as suas características, subjacente a ele uma nova compreensão de vida comunitária, não mais identificada com o território, e a atual configuração institucional. Dito diferente, a paróquia por não conseguir refletir a dimensão comunitária no atual contexto urbano, deixa de ser pertinente para a experiência religiosa do homem urbano.

Identificada a raiz do problema paroquial, apontamos pistas e provocações que poderão ajudar na renovação. Receitas pré-fabricadas não existem. Buscas de soluções prontas e rápidas é ilusão pastoral. Cada realidade com discernimento, ousadia, criatividade (DA 173), imaginação (DA 202) é convocada a buscar novos

métodos de evangelização e descobrir o rosto de uma nova configuração eclesial para os dias de hoje.

O momento exige um mutirão para tirar a paróquia da agonia em que se encontra. Padres, leigos, religiosas, bispos devem entrar no mutirão da missionariedade. O ponto de partida de uma longa caminhada está na mudança de mentalidade dos agentes de pastorais. Assumir o urbano, os dinamismos que regem os contextos urbanos na busca de soluções pastorais não consistem tarefa fácil quando a mente trabalha com outros pressupostos que não são os do mundo atual.

Entre as pistas que apontamos para a renovação paroquial, destaca-se o resgata da pessoa e a formação de pequenas comunidades. Ambas as intuições visam uma realidade maior que é a dimensão comunitária da fé. Priorizar a pessoa e formar pequenos núcleos a fim de possibilitar a experiência de Deus e a experiência comunitária. A comunidade tem seu início no reconhecimento da individualidade da pessoa, na atenção aos seus anseios, no sentimento de pertença e inclusão despertados em cada pessoa e no senso de co-responsabilidade assumido por todos. Enquanto isso não for garantido, a estrutura paroquial continuará agonizante.

Enfim, garantir o comunitário é início e o fim de árdua jornada de renovação eclesial. Diante de uma cultura de fé fortemente individualista, urge resgatar o comunitário da fé como o lugar da beleza da experiência cristã. Diante de uma sociedade hedonista e neoliberal urge resgatar o comunitário da fé, como sacramento de uma sociedade alternativa. Diante de um mundo marcado pela miséria, urge resgatar o comunitário da fé, como lugar da sensibilidade com os excluídos e compromisso sócio transformador.

Diante de uma estrutura eclesial hierárquica centralizadora, urge resgatar o comunitário da fé, como lugar da partilha e do encontro, da amizade e da igualdade. A missão de renovação da paróquia é difícil, mas tudo tornar-se-á mais fácil se a paróquia for missionária.